

76.^a crónica: De cabeça quente



Homens & Lobos

Há cerca de um ano, uma destas crónicas foi dedicada ao periódico suplício dos incêndios em Portugal. Hoje, nem vale a pena engrossar o coro de todos os que têm opiniões firmes e teorias iluminadas para explicar o facto de tanta da nossa terra arder todos os anos; mais do que em países maiores, com áreas florestais mais extensas.

Certo é que ano após ano as chamas voltam, destruindo o património de todos nós e por vezes casas e outros haveres bem necessários, como culturas, palheiros e até animais. Hoje, há quem repita anualmente o mantra da “organização do território”, quem assine petições a exigir mais prisão para todos os incendiários. Pensar de cabeça quente (passe o trocadilho) nunca é boa ideia. Aliás, é de duvidar que muitos destes criminosos respondam à dissuasão, face à pouca racionalidade dos seus actos. Segundo Cristina Soeiro, professora do Instituto Superior da Policia Judiciaria e Ciências Criminais, cerca de 70% dos incendiários têm entre

20 e 35 anos, são solteiros ou viúvos, com baixos índices de escolaridade e são desempregados. Muitos sofrem de depressões, atraso mental ou hiperdependência do álcool – não admira portanto a reincidência e a falta de remorsos. Menos de 2% dos incêndios terão sido iniciados a troco de dinheiro.

Infelizmente, nada nos dá motivos de optimismo para o futuro. Com o aquecimento do planeta, fenómenos térmicos extremos levarão a longos períodos em que a biomassa das florestas estará mais seca e quente, facilitando a ignição pelas mais diversas fontes. Se é verdade que já ocorriam grandes incêndios florestais bem antes da entrada em cena do *homo sapiens* – sendo eles factor de renovação da floresta – certo é que hoje cada incêndio tem mais hipóteses de se transformar numa tragédia.

Evocámos então o caso da Madeira; no século xv, segundo a lenda, um incêndio ateado para abrir espaço para os colonos teria acabado por durar sete anos, sem controlo. Há escassos dias, nessa mesma ilha, percebemos como a conjugação de elevadas temperaturas com a falta de limpeza de muitos terrenos pode criar cataclismos de consequências imprevisíveis. Mas isso não nos pode levar a perder de vista que a lenda dos sete anos é apenas um mito.

A ignorância e o alarmismo continuam a acorrer ao rebate de sinos a anunciar fogo. No programa da TVI “Discurso

Directo”, pudemos ver há escassos dias um “jornalista” a dar eco a superstições e fantasias absolutamente estapafúrdias. Segundo a tese deste senhor, a culpa dos fogos nos montes é dos lobos. Nem mais: por hoje haver menos rebanhos, graças à presença de lobos, haveria mais mato e, conseqüentemente, mais incêndios. Para piorar o delírio, aqueles lobos teriam sido, claro, “libertados aqui no ecossistema”. O putativo profissional da informação nem percebeu a contradição do que ia papagueando: então “antigamente havia muitos lobos” ali, mas não havia incêndios? Serão só os lobos de agora a causar mais fogos, quiçá por fumarem mais? A jornalista com a responsabilidade daquele programa seguiu com a emissão, gaguejando algo como: “é, hã, sinais às vezes da, hã, modernização com que o ecossistema que muitas vezes também ajudam a destruir”. Um momento deprimente.

Mais uma vez jornalistas ignorantes e impreparados amplificam ideias populares mas sem qualquer fundamento: nunca houve, nem em Portugal nem em toda a Europa, uma só acção de reintrodução de lobos.

Estes são apenas alguns exemplos da falta que fazem algumas regras elementares: não falar sem saber; procurar informação fiável; não propagarmos fantasias, julgamentos apressados nem condenações injustas.

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.